

AUXÍLIO PSICOLÓGICO PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA NOVA PROPOSTA DE ATUAÇÃO DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Juliana Curzi Bastos¹
Andreza da Cunha Santos²
Joyce Meiriele Benedito³
Luiza Mourao Kelmer⁴
Mayra Kelmer de Lana Jose⁵
Shirlainy Venancio Gomes⁶

Resumo

A orientação profissional (OP), tradicionalmente, vem sendo utilizada com alunos do ensino médio, visando facilitar a escolha do futuro curso universitário. No entanto, é possível verificar uma grande evasão de alunos do ensino superior, o que poderia sugerir que as questões relativas ao futuro profissional dos jovens não se esgotam ao entrar na universidade. Dessa forma, realizar um trabalho de OP no âmbito universitário pode ser uma iniciativa importante para assegurar que os estudantes desenvolvam estratégias para maximizar seu sucesso acadêmico e profissional. A presente pesquisa foi norteadas pelos seguintes objetivos: Identificar as principais demandas dos universitários com relação à orientação profissional; analisar as possíveis formas de intervenção psicológica para auxiliar o estudante durante sua passagem pela universidade; propor um modelo de ação para facilitação da construção de seus projetos profissionais. Para isso, utilizou-se a metodologia de pesquisa de Revisão Narrativa, a partir da análise de artigos científicos, livros e periódicos que faziam referência ao tema proposto. As conclusões dessa pesquisa apontam para o fato de que a OP para alunos universitários pode se dar em várias direções: para alunos que estejam iniciando o curso superior, para aqueles que já estejam em meio de curso e também aos concluintes, de forma que todas as etapas da passagem pela universidade sejam apoiadas e otimizadas. Verifica-se, assim, que a Orientação Profissional vai muito além de orientar na escolha de uma profissão, mas consiste também em ajudar o indivíduo a enfrentar os obstáculos encontrados ao longo de sua jornada universitária, instrumentalizando-o para a construção dos seus projetos de vida.

Palavras-chave: Orientação Profissional; universidade; sucesso acadêmico.

¹ BASTOS, Juliana Curzi. Orientadora. Psicóloga, Especialista em Psicopedagogia, Mestre em Educação, docente da Universidade Salgado de Oliveira, Juiz de Fora, 2017.

² SANTOS, Andreza da Cunha. Universidade Salgado de Oliveira, Graduação Psicologia, Juiz de Fora, 2017.

³ BENEDITO, Joyce Meiriele. Universidade Salgado de Oliveira, Graduação Psicologia, Juiz de Fora, 2017.

⁴ KELMER, Luíza Mourão. Universidade Salgado de Oliveira, Graduação Psicologia, Juiz de Fora, 2017.

⁵ JOSÉ, Mayra Kelmer de Lana. Universidade Salgado de Oliveira, Graduação Psicologia, Juiz de Fora, 2017.

⁶ GOMES, Shirlainy Venâncio. Universidade Salgado de Oliveira, Graduação Psicologia, Juiz de Fora, 2017.

1 Introdução

A orientação profissional (OP), tradicionalmente, vem sendo utilizada com alunos concluintes do ensino médio, visando trabalhar as questões relativas à escolha de um curso universitário e, conseqüentemente, da futura profissão. No entanto, nos últimos anos, tem se percebido uma grande evasão de alunos do ensino superior, o que poderia sugerir que as questões relativas ao futuro profissional dos jovens não se esgotam ao entrar na universidade. Dessa forma, realizar um trabalho de OP no âmbito universitário pode ser uma iniciativa importante para assegurar que os estudantes tenham feito a escolha profissional correta e que desenvolvam estratégias para maximizar seu sucesso acadêmico e profissional.

O curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) oferece, há cinco anos, orientação profissional gratuita para alunos do ensino médio público de Juiz de Fora e região, visando facilitar suas escolhas com relação ao futuro curso universitário. Ao perceber essa grande demanda por orientação profissional e de carreira no âmbito universitário, o projeto de extensão denominado “Orientação Profissional – Abordagem Sócio-histórica” também começará a atender os alunos da universidade, procurando oferecer uma orientação voltada para o curso em si e para a preparação para a futura carreira.

A OP para alunos universitários pode se dar em várias direções. É possível oferecer esse trabalho a alunos que estejam iniciando o curso superior, àqueles que já estejam em meio de curso e também aos concluintes do ensino universitário, de forma que todas as etapas da passagem pela universidade sejam apoiadas e otimizadas.

Segundo Bardagi (2003) a formação universitária é um período de reativação das crises vocacionais, de confirmação com a realidade ocupacional e de afirmação da escolha feita. Se, durante anos, o objetivo da OP foi somente ajudar as pessoas a tomar decisões profissionais ou a ultrapassar indecisões de carreira, atualmente um objetivo mais ajustado será o de procurar ajudar os indivíduos a terem as ações necessárias para alcançar uma carreira e uma vida pessoal satisfatória. Ou seja, mais do que ajudar os indivíduos a tomar decisões e a desenvolver o percurso ao longo do tempo, importa ajudá-los a lidar com contextos em mudanças e a envolverem-se nas suas tomadas de decisão e na construção dos seus projetos de vida. (LIMA & FRAGA, 2010).

Enfim, o ingresso na universidade é, ao menos potencialmente, uma experiência estressora para os jovens estudantes. Dessa forma, faz-se necessário ampliar nosso conhecimento a respeito do modo como os jovens vêm vivendo esse momento, as

dificuldades enfrentadas e as repercussões dessa experiência em seu desenvolvimento psicológico.

2 Metodologia

A presente pesquisa empregou uma metodologia de pesquisa do tipo Revisão Narrativa, baseada em um levantamento bibliográfico em artigos científicos, livros, periódicos e levantamento de fontes de publicações na biblioteca Scielo, Pepsic e Medline. Foram incluídos artigos publicados no idioma português e que tratavam sobre o tema da orientação profissional na universidade.

3 Desenvolvimento

3.1 Orientação Profissional no início da faculdade

Para muitos jovens a escolha da profissão no século XXI é uma dificuldade, mas ao mesmo tempo, uma necessidade. Numa época em que a tecnologia e a ciência caminham a passos largos, o jovem apresenta interesse em obter maiores informações sobre as novas opções de trabalho, mercado, cursos, faculdades etc.. Além de se informar sobre as novas possibilidades de cursos, far-se-á necessário ao jovem conhecer-se, refletir sobre seus gostos, visão de mundo e sobre o que almeja para seu futuro, incluindo aí um projeto de vida pessoal que envolva o profissional. Segundo Bock (1995), o jovem necessita pensar, refletir a respeito de sua escolha profissional, sobre as influências que recebeu durante todo seu processo de desenvolvimento, sejam elas da família, amigos, mídia, livros, filmes, etc..

Muitos alunos que ingressam em um estudo de nível superior pela primeira vez fazem poucas reflexões sobre a futura vida profissional. Os estudantes têm chegado cada vez mais jovens nos cursos superiores e frequentemente imaturos. Eles precisam ressignificar muitos projetos de vida, pois estão crescendo e precisam deixar para trás algumas questões que traziam segurança enquanto crianças.

O ingresso no ensino superior é uma transição que traz potenciais repercussões para o desenvolvimento psicológico dos jovens estudantes. Em primeiro lugar, ela representa muitas vezes a primeira tentativa importante de implementar um senso de identidade autônomo,

tentativa esta traduzida por meio da escolha profissional (ou tentativa de escolha), que é uma tarefa típica do desenvolvimento na passagem da adolescência para a vida adulta (Erikson, 1976). No entanto, estudos têm revelado que nem sempre a profissão escolhida possui um caráter central na constituição da identidade de calouros universitários. Para alguns, o simples fato de ingressar no ensino superior e identificar-se como estudante universitário parece ser um aspecto mais saliente do que a própria profissão (ou curso) em si (LISBOA & SOARES, 2000).

De fato, a experiência universitária não se resume à formação profissional. Especialmente nos anos iniciais, e para aqueles jovens que concluem o ensino médio e ingressam logo em seguida em um curso superior, a universidade tem um impacto que vai além da profissionalização (LISBOA & SOARES, 2000). A entrada na universidade implica uma série de transformações nas redes de amizade e de apoio social dos jovens estudantes. Geralmente, até o término do ensino médio, uma significativa parcela da vida dos adolescentes gira em torno da escola: é na escola que passam a maior parte do tempo; é lá que costumam ter a maioria dos amigos; é também, principalmente, a escola que lhes cobra desempenho e responsabilidade, sob pena de sanções diversas. O mundo universitário, por outro lado, é bem menos estruturado que o mundo escolar. Os colegas não são mais os mesmos, havendo a necessidade de estabelecer novos vínculos de amizade. Enquanto tais vínculos não se estabelecem, o jovem conta apenas com seus próprios recursos psicológicos e o apoio das redes formadas anteriormente ao ingresso na universidade (outros amigos e família) para enfrentar eventuais dificuldades que possam surgir pela frente. Ajustar-se à universidade implica, assim, integrar-se socialmente com as pessoas desse novo contexto, participando de atividades sociais e desenvolvendo relações interpessoais satisfatórias (DINIZ & ALMEIDA, 2006)

A cada semestre observa-se um aumento de estudantes universitários que buscam apoio a profissionais, até mesmo nas suas instituições, com o intuito de buscar orientações sobre seus cursos, pois não estão satisfeitos com a escolha profissional. A maioria dos jovens inicia na universidade sem ter conhecimentos no currículo do curso que pretendem cursar. Facilmente abandonam ou trocam de curso com o objetivo da satisfação profissional. Por isso é de extrema importância a Orientação Profissional para esses estudantes, pois esta possui instrumentos da área da psicologia que auxiliam o sujeito a reconhecer melhor suas potencialidades, proporcionando uma escolha mais segura, madura, respeitando as habilidades de cada pessoa.

Nem sempre os conteúdos estudados em sala de aula são parâmetros para a realidade encontrada fora da mesma, ficando cada vez mais evidente a importância de uma boa Orientação Profissional para os jovens do nosso país (SARRIERA, et al. 2012). Um bom recurso a ser utilizado são as orientações em grupo, de forma que há uma troca de experiência e a possibilidade de compartilhar sentimentos, proporcionando um espaço de conversa também sobre as potencialidades de cada indivíduo. Nessa fase, muitas vezes o jovem não está preparado para resolver questões simples da sua vida, desconhecendo até mesmo questões pessoais, dificultando suas escolhas.

As experiências durante o primeiro ano na universidade são muito importantes para a permanência no ensino superior e para o sucesso acadêmico dos estudantes. O modo como os alunos se integram ao contexto do ensino superior faz com que eles possam aproveitar melhor (ou não) as oportunidades oferecidas pela universidade, tanto para sua formação profissional quanto para seu desenvolvimento psicossocial. Estudantes que se integram acadêmica e socialmente desde o início de seus cursos têm possivelmente mais chances de crescerem intelectual e pessoalmente do que aqueles que enfrentam mais dificuldades na transição à universidade.

O descontentamento do jovem em início de curso, em sua grande maioria, vem de uma dificuldade de adaptação à faculdade, ambiente, novos colegas, relação mais distante com os professores, etc. Nesse caso, é importante ajudar o orientando a discriminar os motivos da insatisfação e tentar diferenciá-los do curso. Conversas com alunos “veteranos” é uma estratégia que leva a bastante reflexão e pode ajudar muito. Se o jovem teve que mudar de cidade para estudar, este tipo de dificuldade aparece com mais frequência e intensidade; trata-se de um mergulho num universo totalmente novo e que em alguns casos é desestruante. O trabalho do orientador é fundamentalmente para que essas discriminações possam ser realizadas e se possa trabalhar com os componentes realmente desestabilizadores. Como se trata de algo com uma frequência bastante considerável, o ideal seria que a própria faculdade pudesse manter um orientador ou uma equipe para poder realizar o acompanhamento necessário.

Um trabalho de re-orientação na universidade deve priorizar os seguintes aspectos:

- a) Trabalhar-se a questão da primeira escolha, como foi feita, quais critérios foram utilizados para essa escolha, quais foram as influências que o jovem recebeu, quais as informações da família.
- b) Qual o motivo da insatisfação: professores, currículos etc..
- c) Informações sobre as possibilidades de novo cursos e vestibulares.

Um estudo americano (TEIXEIRA, et al, 2012) realizado com 165 formandos de 35 áreas diferentes confirmou a importância do envolvimento em atividades acadêmicas, mostrando que a realização de estágios, acompanhados ou não de trabalho na área, aumenta a cristalização da escolha. Dessa forma, a OP também deveria mostrar para o estudante as possibilidades de trabalhos acadêmicos além da sala de aula, como monitorias, participação em projetos de pesquisa e extensão, visto que essas atividades também podem auxiliar o jovem a compreender melhor a área em que está engajado.

Outro fator que pode estar associado a um melhor ou pior ajustamento dos jovens à vida universitária diz respeito ao apoio emocional da família ou laço afetivo que os estudantes têm com seus pais. O apoio emocional recebido dos pais pode ter repercussões positivas na adaptação à universidade não apenas por contribuir diretamente para o bem-estar psicológico dos estudantes, mas também por favorecer o envolvimento dos alunos em comportamentos exploratórios vocacionais. De fato, existem evidências de que o sentimento de apoio emocional está associado a índices mais elevados de exploração relacionada às questões vocacionais (DINIZ & ALMEIDA, 2006).

Conhecer melhor a realidade vivida por estes jovens pode auxiliar no entendimento dos fatores associados não apenas à evasão escolar, mas também a outros aspectos do desenvolvimento psicossocial dos estudantes.

3.2 Orientação profissional no meio da faculdade

Segundo Bardagi et al (2003) o período de formação universitária, tem imposto muitas questões aos profissionais que trabalham com orientação profissional (OP). Tradicionalmente este é um período de reativação das crises vocacionais, de confirmação com a realidade ocupacional e de afirmação da escolha feita. Por isso, no período de meio de curso, pode haver um aumento da demanda por orientação profissional.

No caso de estudantes universitários que já estejam no meio do curso, é mais provável que os mesmos tenham mais subsídios para apontar o que não estão gostando e por que se sentem confusos. Pode haver uma desilusão com o curso, mas na maioria desses casos o indivíduo até já tem uma outra escolha, procurando o atendimento apenas para se reassegurar ou se preparar para enfrentar a família ou comunidade. Existem, porém, os que procuram orientação profissional nessa fase apresentando uma insatisfação mais generalizada, em que a questão da faculdade é apenas um dos itens. Nestes casos, é importante que o orientador possa verificar se é possível trabalhar a questão da escolha, ou se esta é apenas um sintoma de algo

que precisa ser melhor entendido. Neste último caso, deve ser realizado um encaminhamento para a psicoterapia.

O ingresso na universidade por si só pode gerar tanto expectativa positiva quanto o receio e ansiedade, impondo desafios de ordem pessoal, interpessoal e acadêmica, dentre outros. Após esse período inicial, os estudantes continuam buscando atingir seus objetivos educativos e pessoais, sendo que muitos estudos têm demonstrado associação entre a decisão de permanecer ou de abandonar o curso de graduação e a interação do estudante à universidade. (SARRIERA et al, 2012).

A interação do estudante com a universidade e com os professores influencia diretamente no seu compromisso com as tarefas acadêmicas e consequentemente com a permanência no curso e também na faculdade.

Durante o período universitário, o jovem muitas vezes procura o serviço de OP por que está inseguro e insatisfeito e quer confirmar sua escolha ou trocar de curso. Pode ser um trabalho de “re-opção” ou “re-escolha”. Pesquisa realizada no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, revelou que 30% dos jovens que ingressaram na universidade já haviam iniciado um curso superior e estavam trocando de curso (LISBOA et al , 2000).

Uma outra pesquisa longitudinal realizada com alunos da UFRGS, desde seu ingresso no curso até a proximidade da formatura, descreveu a existência de fases distintas na relação entre aluno, e escolha e o curso. A primeira fase seria de entusiasmo pela vitória no vestibular, o ingresso na universidade e a expectativa com o início da formação. A fase seguinte marca a decepção com o curso, os professores, a instituição, as condições de aprendizagem e inclui preocupações com uma possível re-escolha profissional. O terceiro momento mostra um aumento pelo interesse na continuidade do curso. Nesta fase o engajamento em atividades acadêmicas é fundamental para a satisfação e o comprometimento. O quarto e ultimo momento observado caracteriza-se pela proximidade com o término do curso (BARDAGI et al, 2003).

Com isso, conseguimos analisar que o trabalho desenvolvido com alunos que estão no meio do curso superior é baseado no auxílio à retirada de dúvidas a respeito da profissão, nas informações sobre as condições do mercado de trabalho, na adaptação e a satisfação com o meio universitário e nas expectativas que os universitários têm sobre o futuro.

A partir do momento em que a orientação e a reorientação profissional for compreendida e divulgada em instituições de ensino superior, haverá grande possibilidade de evitar o aumento de estudantes universitários frustrados e insatisfeitos, assim como será possível diminuir significativamente a evasão no ensino superior (LISBOA et al, 2000).

3.3 Orientação Profissional no final da faculdade

No Brasil, para grande parte dos estudantes, o curso superior ainda é a forma privilegiada de ascensão social e realização profissional, sendo uma continuidade entre a vida escolar e a inserção laboral. Nos últimos anos, entretanto, os estudos têm mostrado elevados índices de insatisfação com a escolha profissional entre alunos universitários brasileiros, bem como um aumento da procura de estudantes universitários e recém-formados por processos de aconselhamento de carreira.

Oliveira et al (2013), em sua pesquisa com jovens em conclusão de curso sobre a transição universidade-trabalho, aponta que os entrevistados valorizaram muito as atividades práticas para a formação profissional, enfatizando a insuficiência deste tipo de atividade nos currículos e indicando que estas atividades permitem construir um senso de competência (autoeficácia) profissional; as atividades práticas, fossem elas curriculares ou não, foram percebidas como oportunidades através das quais os alunos puderam conhecer melhor a própria profissão e a si mesmos, iniciando um processo de especificação do projeto profissional.

Como solução, as universidades deveriam estar igualmente preocupadas com objetivos mais amplos de formação e desenvolvimento dos estudantes: formação sociocultural, desenvolvimento de um sistema de valores, definição de projetos de carreira, aquisição de competências interpessoais e empreendedorismo; mas estas não são dimensões enfatizadas na estrutura letiva e nas práticas pedagógicas existentes atualmente.

Nas instituições de ensino onde o serviço de OP é oferecido, houve um aumento substancial da demanda dos estudantes universitários por atendimento nesse serviço. Rivas (1988), a partir de uma experiência com assessoramento universitário na Universidade de Valência (Espanha), aponta as principais razões descritas pelos alunos para participarem do programa: ter mais informações sobre as possibilidades profissionais (81,6%), esclarecer dúvidas sobre carreiras e áreas (40%); confrontar planos profissionais com um profissional da Psicologia (41%); curiosidade sobre o processo (26%); medo de tomar decisões (24%); confirmar uma escolha (20%) e estar totalmente indeciso (10%).

Dessa forma, os questionamentos dos universitários em final de curso refletem normalmente o grande medo de sair da faculdade. Sua identidade está calcada no fato de ser estudante, assustando a mudança. No processo de OP também pode ser trabalhada a questão de preparação para inserção na futura carreira ou nos estudos de pós-graduação.

Durante a graduação muitos alunos desconhecem o aconselhamento de carreira, possuindo a expectativa de ter assistência e orientação dos professores no planejamento e acompanhamento do curso.

A partir da distinção da problemática vocacional dos alunos nos momentos inicial, intermediário e final da graduação, Lehmann e Uvaldo (apud BARDAGI E HUTZ, 2005) sistematizaram uma proposta de intervenção focalizada nas questões de carreira, mas integrada a outros domínios. Para alunos intermediários e próximos da conclusão do curso, o trabalho de aproximação com o mundo profissional deve ser intensificado; além disso, as autoras enfatizam um trabalho de fortalecimento da auto-estima do aluno e da sua autopercepção no papel profissional, bem como o auxílio à elaboração dos planos profissionais futuros.

4 Conclusão

Muitos alunos universitários fazem poucas reflexões sobre a futura vida profissional e precisam se adaptar a esse novo e desconhecido universo que é o mundo Universitário. Por não conseguirem muitas vezes administrar seus sentimentos e as situações cotidianas que outrora não faziam parte da sua realidade, acabam trocando o curso escolhido e ate mesmo abandonando a Universidade. Dessa forma, é de grande relevância que as instituições de Ensino Superior tenham um programa de OP para auxiliar esses alunos, pois esta é estruturada com profissionais da Psicologia possibilitando ao indivíduo entender seus sentimentos, conhecer realmente suas habilidades, dando-lhe segurança e maturidade para que ele relembre o motivo da sua escolha inicial. E se ainda assim o estudante não se satisfizer com o curso iniciado, o profissional da OP pode proporcionar a este a possibilidade de analisar novas opções de cursos para sua futura carreira Profissional.

Outro aspecto importante na Orientação Profissional é que a mesma pode se dar em toda a trajetória universitária, desde o início até o final do curso. Se no início da Universidade alunos sentem-se insatisfeitos por não saberem administrar esse novo universo, os alunos em meio do curso por outro lado, podem estar desiludidos com o curso, professores e a instituição, enfim, fatores estes que podem fazer com que o jovem repense sua escolha e talvez queiram fazer uma re-escolha. Somente a OP poderá ajudar esse jovem a identificar se o problema é algo a ser trabalhado e resolvido ou se é um fator que exija uma re-opção Profissional. Isso pode evitar a evasão deste aluno e o abandono de sua futura carreira Profissional. E, ao final

do curso universitário, é possível trabalhar, através da OP, o medo da mudança causado pela saída da universidade e ingresso no mercado de trabalho, assim como a preparação para inserção na futura carreira ou nos estudos de pós-graduação.

Com este estudo, portanto, entende-se que a Orientação Profissional vai muito além de orientar na escolha de uma profissão, mas consiste também em ajudar o indivíduo a enfrentar os obstáculos encontrados ao longo de sua jornada Universitária, deixando-o seguro na construção dos seus projetos de vida.

5 Referências

BARDAGI, M; LASSANCE, M; PARADISO, A. (2003). *Trajetória acadêmica e satisfação com escolha profissional de universitários em meio de curso*. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Porto Alegre, v4, p155.

BARDARGI, M.; HUTZ, C. S. (2005). *Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira*. *Psic. Rev. São Paulo*, 14(2): 279-301. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/viewFile/18107/13463>. Acesso em: 04 de setembro de 2017.

BOCK, S. D. (1995). Concepções de indivíduo e sociedade e as teorias em orientação profissional. In C. M. M. Amaral, L. Q. de Andrade, W. M. J. Aguiar & A. M. B. Bock (Orgs.). *A escolha profissional em questão* (2a ed. pp. 61-70). São Paulo: Casa do Psicólogo.

DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. (2012). A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 32 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32n2/v32n2a02>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

DINIZ, A. M., & ALMEIDA, L. S. (2006). *Adaptação à universidade em estudantes de primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional*. *Revista Análise Psicológica*, 1(XXIV), 29-38.

ERIKSON, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.

LIMA, R; FRAGA; S. (2010). *Intervir para ajudar e ajudar para construir: um modelo de intervenção psicológica com estudantes do ensino superior*. **Revista Brasileira de orientação profissional**. Lisboa, v 11, n2, p270.

LISBOA, D, M; SOARES, P, D. (2000). *Orientação Profissional em ação*. São Paulo, Câmara Brasileira do livro.

MONTEIRO, A. M.; GONÇALVES, C. M. (2011). *Desenvolvimento vocacional no ensino superior: satisfação com a formação e desempenho acadêmico*. **Revista Brasileira de orientação profissional**. São Paulo, v12, n1. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000100004&lng=pt&nrm=i&tlng=pt Acesso em: 24 de setembro de 2017.

OLIVEIRA, M. C.; DETOMINI, V. C., MELO-SILVA, L.L. (2013). *Sucesso na transição universidade-trabalho: expectativas de universitários formandos*. Psicol. rev. (Belo Horizonte) vol.19 no.3 Belo Horizonte. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682013000300011
Acesso em: 29 de setembro de 2017.

RIVAS, F. (1988). *Enfoque conductual-cognitivo del asesoramiento vocacional*. In: RIVAS, F. *Sicología vocacional: Enfoques del asesoramiento*. Madrid: Morata.

SARREIRA, J; PARADISO; ASCHUTZ, F; HOWES, G. (2012). *Estudo comparativo da interação ao contexto universitário entre estudantes de diferentes instituições*. **Revista Brasileira de orientação profissional**. Porto Alegre, v13, p 167.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*. Campinas, v. 12, n1. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000100013.
Acesso em: 13 de junho de 2017.